



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
Fundação Oswaldo Cruz

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL EM VIOLÊNCIA E  
SAÚDE**

**RELATÓRIO**

**SEMINÁRIO DESASTRES AMBIENTAIS E VIOLÊNCIAS**

**OUTUBRO DE 2019**

## **Coordenação Programa Institucional Violência e Saúde**

Simone Gonçalves de Assis

Mayalu Matos Silva

Fernanda Mendes Lages Ribeiro

## **Grupo organizador do Seminário**

Paula Bevilacqua

Simone Gonçalves de Assis

Fernanda Mendes Lages Ribeiro

Mayalu Matos Silva

Eliane Vianna

Laiza Assumpção

## **Colaboração**

Simone Oliveira

## **Relatoria**

Paula Bevilacqua

## **SUMÁRIO**

3 Cartaz de divulgação

4 Justificativa e programação

7 Relatoria

15 Dados do público

16 Nota de divulgação







# Desastres ambientais e violências

**21**  
**outubro**

**8h30**  
**às**  
**17h30**

**Auditório**  
**IRR**  
**Fiocruz Minas**

**Programação**

8h 30 às 9h

### Abertura

- ▶ **Zélia Maria Profeta da Luz**  
Diretora do Instituto René Rachou/FIOCRUZ Minas
- ▶ **Simone Assis**  
Coordenadora do Programa Institucional de Articulação Intersetorial em Violência e Saúde da Fiocruz

9h às 12h

### Painel 1: Modelo de desenvolvimento econômico, direitos humanos e danos ambientais

Esse painel busca propiciar um debate crítico sobre o modelo de desenvolvimento econômico, discutindo como o direito humano ao saneamento e ao meio ambiente não é garantido no contexto dos desastres ambientais, situação que vem sendo considerada como forma de violência. Busca também debater, a partir de elementos trazidos pelo debate da economia feminista e direitos humanos, caminhos alternativos de desenvolvimento.

- ▶ **Edinilsa Ramos**  
Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde/Ensp/Fiocruz – Violência e Crimes Ambientais
- ▶ **Sergio Portella**  
Assessor da Presidência da Fiocruz e integrante do Grupo de Assessoria da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030
- ▶ **Miriam Nobre**  
SempreViva Organização Feminista (SOF), economia feminista, políticas públicas e direitos humanos
- ▶ **Juliana Deprá Stelzer**  
Coordenação Estadual do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)

Debatedor/moderador do painel: Paula Bevilacqua

10h30 às 11h30h

### Debate

14h às 17h30

### Painel 2: Desastres ambientais, violências e impactos na saúde

Esse painel pretende debater as consequências dos desastres ambientais no cotidiano de vida e trabalho das populações afetadas, com foco especial no surgimento e aumento de diferentes formas de violências nas relações sociais e na saúde de trabalhadores e moradores. Pretende-se, também, refletir sobre o papel da cultura e da arte, e seu poder de reconstrução de modos de vida e de minimização do sofrimento das perdas.

**Mariana Tavares**  
Psicóloga e membro do Conselho Regional de Psicologia – Suicídio no contexto dos crimes ambientais

**Marta de Freitas**  
Coordenadora do Fórum Sindical e Popular de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora de Minas Gerais – Violência no ambiente de trabalho na mineração

**Sandra Vita Santos**  
Liderança do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), moradora de Catas Altas – Território e Violência de Gênero - O que muda na vida das mulheres?

**Carlos Alberto Araújo Netto**  
Arte, narrativa e educação executiva – o caso de Brumadinho

## **PROGRAMAÇÃO SEMINÁRIO DESASTRES AMBIENTAIS E VIOLÊNCIAS**

Local: Auditório IRR – Fiocruz Minas

Data: 21 de outubro – 08h30 às 17h30

### **Apresentação/Justificativa:**

O seminário buscou propiciar um momento de reflexão e debate sobre aspectos que se articulam à nefasta associação entre os desastres ambientais e violências, tanto no sentido da violência estrutural do modo de produção capitalista como violências que decorrem desses eventos, que têm significativas consequências para a saúde das populações e para o próprio setor saúde. O foco do debate se deu, sobretudo, em relação à cadeia produtiva da mineração do estado de Minas Gerais. Foi interesse debater os principais riscos e agravos e também abrir caminhos para novas perspectivas de discussão sobre alternativas ao modelo de desenvolvimento vigente.

**Público alvo:** pesquisadores, estudantes, gestores, movimentos sociais e demais interessados no tema.

### **PROGRAMAÇÃO**

#### **Manhã 8:30 às 9:00 – Abertura**

- Zélia Maria Profeta da Luz – Diretora do Instituto René Rachou/FIOCRUZ Minas
- Simone Assis – Coordenadora do Programa Institucional de Articulação Intersetorial em Violência e Saúde da Fiocruz.

No início da atividade, enquanto os/as participantes chegam, exibir vídeos de Brumadinho ☒ vídeos elaborados no contexto do Projeto A Arte Abraça Brumadinho (responsável: Carlos Alberto Araújo Netto) vídeo institucional Fiocruz-Minas Desastre da Vale em Brumadinho: seis meses de impactos e ações.

#### **9:00 às 12:00**

#### **Painel 1: Modelo de desenvolvimento econômico, direitos humanos e danos ambientais**

Esse painel busca propiciar um debate crítico sobre o modelo de desenvolvimento econômico, discutindo como o direito humano ao saneamento e ao meio ambiente

não é garantido no contexto dos desastres ambientais, situação que vem sendo considerada como forma de violência. Busca também debater, a partir de elementos trazidos pelo debate da economia feminista e direitos humanos, caminhos alternativos de desenvolvimento.

**9:00-9:30** Edinilsa Ramos – Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde/Ensp/Fiocruz – Violência e Crimes Ambientais.

**9:30-09:50** Sergio Portella - Assessor da presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Integrante do Grupo de Assessoria da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030 - Fiocruz RJ.

**09:50-10:10** Miriam Nobre – Sempreviva Organização Feminista (SOF) - Economia Feminista, políticas pública e DH

**10:10-10:30** Juliana Deprá Stelzer – Coordenação Estadual do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM).

Debatedor/moderador do painel: Paula Bevilacqua (Fiocruz Minas)

**10:30-11:30:** Debate

No início da atividade, enquanto os/as participantes chegam, exibir vídeos de Brumadinho ☒ vídeos elaborados no contexto do Projeto A Arte Abraça Brumadinho (responsável: Carlos Alberto Araújo Netto) e vídeo institucional Fiocruz-Minas Desastre da Vale em Brumadinho: seis meses de impactos e ações.

**14:00 às 17:30**

## **Painel 2: Desastres ambientais, violências e impactos na saúde**

Esse painel pretende debater as consequências dos desastres ambientais no cotidiano de vida e trabalho das populações afetadas, com foco especial no surgimento e aumento de diferentes formas de violências no cotidiano das relações sociais e na saúde de trabalhadores e moradores de áreas afetadas. Pretende-se, também, refletir sobre o papel da cultura e da arte e seu poder de reconstrução de modos de vida e de minimização do sofrimento das perdas.

**14:00-14:20** Mariana Tavares – psicóloga - Conselho Regional de Psicologia – Suicídio no contexto dos crimes ambientais

**14:20-14:40** Marta de Freitas – Coordenadora do Fórum Sindical e Popular de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora de Minas Gerais – Violência no ambiente de trabalho na mineração.

**14:40-15:00** Sandra Vita Santos – Liderança do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), moradora de Catas Altas – Território e Violência de Gênero - O que muda na vida das mulheres?

**15:00-15:20** Carlos Alberto Araújo Netto – Arte, narrativa e educação executiva – o caso de Brumadinho.

Debatedor/moderador do painel: Jesem Douglas Yamall Orellana (Fiocruz Amazônia)

**15:20-17:00:** Debate

**17:00-17:30** – Encerramento: CORAL DO PROJETO BATUCABRUM DE BRUMADINHO

**10:00-14:00** – FEIRA DE PRODUTOS AGROECOLÓGICO DA AGRICULTURA FAMILIAR



## **RELATORIA**

A relatoria está organizada em um primeiro momento, onde são apontadas falas e comentários dos/as convidados/as e um segundo momento, onde foi feito um exercício de sistematização das falas articulando a comentários reflexivos da relatora, Dra Paula Bevilacqua - Fiocruz/MG.

### **PAINEL 1:**

#### **Ednilsa Ramos – ENSP Fiocruz**

Ednilsa apresenta os conceitos ‘violência’ e ‘acidentes’, comentando sobre algumas especificidades: traça um caminho sobre conceitos de violência enfatizando a condição de fenômeno histórico, multifacetado, intencional e multideterminado e que abriga várias tipologias. Comenta sobre a associação da violência com as desigualdades sociais e aspectos culturais e comportamentais (gênero, homofobia, racismo, machismo). Enfatiza a importância de conceituar, nomear, como forma de tornar visível. Apresenta o conceito de acidente: evento não intencional (ao acaso) e evitável, causador de danos físicos e/ou emocionais e óbitos em diferentes contextos/âmbitos.

Comenta sobre os sistemas de informação em saúde (SIM/SINAN/SIH) e a relação com o registro dos eventos ‘acidentes e violências’. No contexto dos crimes/desastres ambientais, comenta sobre os sistemas de informação em saúde (SIM/SINAN/SIH). Há registro de acidentes como causa externa (acidentes e violências são codificados como causa externa). Mas a CID não codifica o tipo de ocorrência em Brumadinho e Mariana, os eventos (óbitos) são codificados como ‘acidente natural’.

Apresenta o conceito de desastre. ‘Desastres ambientais’ são definidos como acidentes de danos incalculáveis, resultantes de eventos da natureza e/ou intervenções humanas. Desastres estão associados com o modelo de desenvolvimento econômico.

Apresenta dados sobre indicadores que são impactados pelo modelo de desenvolvimento, como: desemprego, PIB, dívida pública, dotação orçamentária. Apresenta dados sobre os principais desastres no Brasil (Césio 137, vazamento óleo, inundações, seca, rompimento barragens etc.)

Compara, a partir de empreendimentos realizados no Brasil, as promessas que são feitas (presença positiva do empreendimento) e a realidade que se materializa (impactando negativamente a vida das pessoas e valorizando, privilegiando o empreendimento/empresa). Comenta que esse seria um processo de colonização parecido à ocupação que se deu nas Américas, mas que ocorre hoje de forma insidiosa, já que, inclusive, produz discursos de legitimação da presença dos empreendimentos pelos próprios moradores/pessoas das áreas impactadas. Cita exemplos desses

processos de ocupação e menciona as tipologias de violência que ocorrem: estrutural, comunitária, institucional, relacional, individual.

Discute a vulnerabilidade dos territórios e a violência, indicando que quanto mais vulnerável o território, maior e mais intensa é a violência. Esses são territórios de não cidadania (exclusão), onde as diferentes tipologias de violência ocorrem, sendo que as violências e os desastres produzem impactos antes, durante e depois nos territórios.

Finalizando, apontando que as violências que ocorrem na sociedade indicam como se dão as relações sociais e questiona “quais níveis de violência aceitamos viver?” Problematisa algumas possibilidades de enfrentamento da violência considerando as dimensões social e pessoal.

### **Sérgio Portella - Grupo de Assessoria da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030**

Inicia comentando sobre o grupo de pesquisa do qual faz parte.

Apresenta diferentes projeções de mapas mundi: Mercator (projeção conforme: Europa no centro do mapa, em destaque, parece maior do que realmente é, o que produz e reforça sua centralidade, superioridade) e Peters (projeção equivalente: tamanho real dos continentes). Também apresenta mapas onde a representação dos continentes está invertida (‘de ponta-cabeça’). As imagens são trabalhadas de forma a apresentar diferentes pensadores: Gabriel Tarde, Latour, Foucault, Butler, Schwartz, Boaventura de Souza Santos, Milton Santos, Fanton, Quijano, Mignolo, e alguns conceitos como: desigualdades abissais, olhar a partir do Sul (pensamento mais ao Sul), a ideia de que a hegemonia de pensamentos que impedem (não reconhecem) as desigualdades.

Conforme Boaventura, a ideia da linha abissal que divide o mundo em zonas metropolitanas/colônias; civilizadas/incivilizadas, relevantes/irrelevantes. As linhas abissais não são ‘puláveis’, assim, o pensamento moderno ocidental ainda opera mediante as linhas abissais, sendo conivente e aprofundando as desigualdades entre países, povos e nações.

### **Mariana Tavares – psicóloga - Conselho Regional de Psicologia-CRP-MG**

Inicia comentando sobre sua atuação no CRP e como o conselho lidou nas situações dos crimes em Mariana e Brumadinho (e sua atuação, já que participou desse processo pelo CRP).

Conceitua os termos desastres (sem astro/perda das estrelas) e suicídio: morte por ‘carga em excesso’/morte autoinfligida). Relaciona à violência, pois também seria, do

ponto de vista do aparelho psíquico, uma ‘carga em excesso’. O suicídio é ‘silêncio em ato’, é uma experiência humana, de dor, sofrimento e desespero, em função de subjetividades construídas que insistem em deixar esses indivíduos deslocados, sem lugar e, assim, desistem da vida.

No suicídio, a morte se dá por algo que vem de fora. O suicida é suicidado, ou seja, somos todos eticamente implicados nos suicídios.

Na história da humanidade, recorre-se ao suicídio desde sempre. Suicídio seria ato de covardia ou de extrema coragem?

“Seu cadáver estava cheio de mundos...”

Comenta que o suicídio é um fenômeno que vem ocorrendo em Brumadinho. Problematiza o aumento do suicídio em Brumadinho, mas que as taxas epidemiológicas, por serem pequenas, desqualificam sua importância. E que, por outro lado, esse aumento nas taxas leva à medicalização da população (potenciais suicidas). O tratamento da dor medicalizando os sujeitos. Será esse caminho necessário? Mariana questiona. Também comenta que a intervenção da Vale em Brumadinho, pagando salários à população atingida, produz desigualdades no município, e da discussão moral sobre o uso dos recursos recebidos. Comenta que essa ação da empresa traz também o desmonte à rede de saúde em Brumadinho, que é muito bem constituída.

Comenta sobre a conquista do CRP, de não permitir que a Vale contrate psicólogos para cuidar da população atingida (conflito de interesses). Também comenta sobre a discussão delicada sobre a atuação profissional (psicólogo). Da necessidade de se discutir o campo profissional. Assim, o CRP chamou os psicólogos contratados pela Vale para discutir o código de ética profissional.

Pergunta se desastres naturais e desastres provocados por intervenções humanas são os mesmos tipos de desastres. Crimes das mineradoras: a mesma mão que dá (emprego, por exemplo), toma (territórios, riquezas – principalmente a autonomia de poder decidir sobre qual desenvolvimento econômico se quer).

Problematiza o indicador de saúde, ‘anos potenciais de vida perdidos’, que na verdade, seria potencia de vida perdida.

Finaliza apresentando o conceito ‘resistir’, que significa ‘colocar-se de pé’.

**Juliana Deprá Stelzer – Coordenação Estadual do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)**

Comenta a situação do município mineiro Conceição de Mato Dentro e o Projeto Minas-Rio, projeto que inclui a construção do maior mineroduto do mundo, que vai de Conceição do Mato Dentro ao Rio de Janeiro (município de São João da Barra). Projeto comandado pela Anglo American e pelo grupo EBX. Comenta sobre ações de mineração em outro município mineiro, o município Serro, atingido por mineração de ferro.

Comenta sobre a exploração da força de trabalho. Apresenta o exemplo do iPhone: para sua produção estão envolvidas atividades de mineração em diversos países (Brasil, Bolívia, países do continente Africano), onde não só são explorados os recursos minerais naturais, como a mão de obra, que é mais barata. Assim, consegue-se produzir com baixo custo, mas o produto (iPhone) chega com preços muito elevados nesses países, que participam diretamente da produção.

Juliana aponta que o capital em momento de crise utiliza saídas clássicas (e já as utilizou em outros momentos históricos):

- aumentar a superexploração da força de trabalho: empregos precários, inseguros;
- aumentar a exploração dos recursos minerais: no Brasil, nova frente/novas fronteiras para essa exploração são as terras indígenas;
- intensificar disputas tecnológicas: atualmente representada pela revolução das comunicações;
- aumentar as tensões militares: acirram-se os conflitos, aumenta a fabricação e inovação de armas e guerras.

Constroem-se, assim, novas formas de violências. Investe-se em destruir ou fragilizar as experiências democráticas, criam-se 'inimigos internos': imigrantes, população indígena, mulheres. Os rompimentos de barragens fazem parte desse modelo de desenvolvimento, não seriam, assim, 'acidentes'.

Juliana comenta alguns aspectos que precisam ser revistos ou fortalecidos como caminhos de enfrentamento e/ou superação dos problemas advindos do modelo de desenvolvimento capitalista:

- processo de fiscalização dos empreendimentos pelo Estado é frágil;
- as empresas são autônomas e porta vozes, realizam o automonitoramento (conflito de interesses);
- evasão e sonegação fiscal pelas empresas;
- territórios livres de mineração;

- maior controle social/popular;
- direito à consulta dos povos tradicionais sobre empreendimentos em seus territórios;
- alternativas econômicas: combater a 'minerodependência';
- saúde dos trabalhadores: precisa ser alvo de proteção;
- reparação integral as famílias atingidas
- fortalecer as articulações: instituições e comunidades;
- realizar estudos/debates sobre saúde, água (acesso, qualidade) etc.

## **PAINEL 2:**

### **Miriam Nobre – Sempre Viva Organização Feminista (SOF)**

Miriam parte da economia feminista, que é crítica à economia clássica e suas derivadas neoclássica e leituras estreitas do marxismo que consideram apenas a esfera da produção de mercadorias, o trabalho como trabalho remunerado (oculta, assim, o trabalho não remunerado, prioritariamente realizado por mulheres – particularmente as negras). Essa economia é a hegemônica e dominante.

Indica que vai comentar a economia economista a partir de três aportes: 'de onde se sustenta a vida'; 'interdependência e ecodependência' e 'conflito capital X vida'.

1º aporte: de onde se sustenta a vida

A sustentabilidade da vida é um exercício analítico que parte do entendimento de que a vida em comum está organizada em diferentes níveis: sistemas naturais, espaço doméstico e de cuidados, comunidade, administração pública do Estado, mercados.

1º nível (natureza): Transforma-se a natureza para a vida e traz de volta para a natureza, resíduos. Natureza transformada em meros recursos, a partir de necessidades que são socialmente construídas. Olha-se a partir do mercado e do trabalho para baixo (onde está a natureza).

2º nível (espaço doméstico e de cuidados): é espaço necessário e produz, é produtivo! Produz bens, serviços e amor (é o espaço do amor). É onde aprendemos a ser gente. Onde se realiza a economia da miudeza, que as mulheres fazem; a economia clássica não vê ou considera esse espaço.

3º nível (comunidade): nível territorial, o comunitário. Fala-se de um espaço inclusivo, que permite pensar/incluir o espaço doméstico. Esfera do comunitário é necessária para se pensar a organização da vida de outras formas.

4º nível (Estado): gestiona uma parte importante de bens e serviços públicos para o conjunto da sociedade

5º nível (mercado): regido quase que exclusivamente pela busca do máximo lucro dos investidores privados. Cita Polani, que aponta que o mercado foi se colocando de forma autorregulada, foi se organizando em função de suas próprias necessidades e não em função da sociedade.

2º aporte: interdependência e ecodependência

Miriam aponta que a vida humana tem duas dependências materiais: a natureza e a vulnerabilidade da vida humana. Somos, assim ecodependentes e interdependentes

Ecodependentes – somos natureza (dimensão biológica da vida) e dependemos da natureza para estar vivos.

Interdependentes – vulnerabilidade dos corpos (os corpos são contingentes e finitos) o que produz dependência entre as pessoas (diferentes ciclos da vida: bebês, crianças, idosos, quando adoecemos). Dependemos, então, física e emocionalmente do tempo que outras pessoas nos dão. Tempo, esse, normalmente doado por mulheres.

3º aporte: conflito capital X vida

O conflito se expande, já não é mais capital X trabalho (oposição clássica), mas capital X vida. É um processo de dominação e expulsão de alguns grupos e pessoas. Mercantilização: mercado domina todas as dimensões da vida.

### **Marta de Freitas – Coordenadora do Fórum Sindical e Popular de Saúde e Segurança do Trabalhador e da Trabalhadora de Minas Gerais**

Não pude estar presente na apresentação

### **Sandra Vita Santos – Liderança do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), moradora de Catas Altas**

Sandra faz uma fala muito emocionada, apresenta experiências de famílias e pessoas que vivem em territórios atingidos pela exploração de minérios, são área em que não houve acidentes (como Catas Altas), mas são territórios extremamente impactados pelas mineração.

Comenta sobre a região do município mineiro de Catas Altas, área de exploração da Vale.

Apresenta dados de problemas respiratórios vivenciados pela população. Catas Altas tem uma mina a céu aberto acima da cidade. A outorga da água utilizada pela população do município pertence à companhia (Vale).

Vale quer reabrir duas minas próximas.

Zona de sacrifício: instituições públicas são cooptadas. Fala de forma emocionada de como se produz um discurso de vitimização da população e também de incompetência (não sabem/conseguem criar os filhos de forma 'adequada', não trabalham etc.).

### **Carlos Alberto Araújo Netto**

Cita Leonardo Boff: "esperança depende da indignação".

Ponte entre mundo das ideias e a realidade → possibilidade de transformar.

Comenta sobre como os preços de alguns alimentos subiram de forma exorbitante em Brumadinho.

O cotidiano de algumas instituições não mudou. Menciona, como exemplo, o fato de que não se ter alterado em nada os currículos das escolas (em Brumadinho) para tratar do crime e dos efeitos pós tragédia.

### **Sistematização e reflexão sobre as apresentações:**

Iniciamos com conceitos sobre violência. Conceituar é importante, pois é como se confere visibilidade ao fenômeno possibilitando pensar e refletir sobre o fenômeno e indicar necessidade de políticas públicas. Aliado a isso, a conceituação traz a possibilidade de se quantificar, o que é importante para a saúde e os sistemas de informação em saúde (SIM/SINAN/SIH), mas ainda com problemas se pensarmos que os óbitos em Brumadinho e Mariana não foram contabilizados como óbitos decorrentes dos crimes ambientais - são/foram registrados com código CID decorrente de outras causas (forças da natureza), implicando na limitação do SIM em registrar, quantificar e dar visibilidade a óbitos decorrentes de crimes ambientais (conceito diferente de desastres ambientais). Partindo da ideia apresentada por Edinilsa, de que as violências que ocorrem na sociedade indicam como se dão as relações sociais, podemos pensar que as construções de violência são também construções de subjetividades, pois de forma mais dramática não se reconhece o outro como humano.

Importante pensar nos conceitos 'crimes ambientais' e 'desastres ambientais', já que conceitos também são construídos/elaborados a partir de perspectivas hegemônicas. Necessidade de se questionar conceitos e, mais, a aceitação/uso de conceitos sem

problematizá-los, já que são hegemônicos. Essa problematização se dá, eventualmente, ou com mais força, a partir de grupos oprimidos, pois são para quem impacta, faz sentido e urge a reconfiguração de relações de opressão e a evidência de que essas formas de opressão são naturalizadas e como os conceitos operam no sentido de manutenção da 'ordem'. Pensamento 'para além das alinhas abissais' é potente para pensar as hierarquias conceituais. Importante também ter em mente que a inversão dessas hierarquias não é o caminho para a resolução dos conflitos e opressões; problematizar as hierarquias como forma de produzir outras formas de sociabilidade e vivências.

Mariana nos provoca a pensar os suicídios nos contextos dos crimes ambientais. Violências como 'silêncio em ato'. O que se articula com a ideia da necessidade de se dar visibilidade aos fenômenos (a morte, o cadáver, dando visibilidade a um sofrimento/dor/desespero) e, mais, nos faz pensar em como estamos eticamente implicados ao suicídio, já que 'o suicida é suicidado'. Então qual é nosso papel/colaboração na construção e reforço de subjetividades que insistem em deixar certos grupos de indivíduos deslocados, sem lugar e, assim, motivados a desistir da vida?

Juliana traz o debate sobre saídas que o capitalismo aciona em momentos de crise, pensando que tais saídas (que se repetem) (re)produzem violências: criam-se novas, reforçam-se/intensificam-se velhas formas de violências (novos conceitos são criados, velhos conceitos são reescritos). Cita as violências que ocorrem sobre famílias pobres, moradoras de periferias, que são acusadas de não darem conta de criar seus filhos, quando esses, por exemplo, se afiliam ao tráfico de drogas.

Sobre quem recaem as consequências da violência? Por um lado, 'novos/as' inimigos internos são criados. Assim, na perspectiva do marxismo cultural, se antes os 'inimigos internos' foram os comunistas, hoje são educadores/as e mulheres (nesse caso, as principais atingidas pelas reformas trabalhista e previdenciária). Também são as mulheres as mais atingidas no contexto dos crimes das mineradoras, mas também são as que vêm demonstrando resistências e caminhos de enfrentamento.

As reflexões apontadas na fala da Juliana nos provocam sobre nosso papel no fortalecimento (ou invenção) das articulações institucionais.



## **DADOS DO PÚBLICO**

**Participantes:** 50 pessoas

### **Instituições representadas:**

- Fiocruz (Minas, Rio de Janeiro, Amazonas)
- Fundação Ezequiel Dias – FUNED-MG
- Movimento Pela Soberania Popular na Mineração – MAM
- Escola de Saúde Pública – ESP-MG
- Caritas – Regional de Minas Gerais
- Aliança
- Prefeitura Municipal de Brumadinho
- Prefeitura Municipal de Nova Serrana
- Centro de Tecnologia Mineral/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (CETEM/MCTI)
- Aliança em Prol da APA da Pedra Branca

## NOTA DE DIVULGAÇÃO

### **Seminário discute impactos da mineração no contexto da violência**

O Programa Institucional de Articulação Intersetorial em Violência e Saúde da Fiocruz promove, no dia 21 de outubro, o seminário *Desastres Ambientais e Violências*. O evento tem por objetivo discutir os impactos causados pela atividade mineradora dentro do contexto da violência, considerando não somente os agravos decorrentes dos desastres, mas também a violência estrutural gerada pelo setor de mineração nas cidades onde atua.

O seminário será no auditório da Fiocruz Minas, das 8h30 às 17h30. Na parte da manhã, os palestrantes discutem o *Modelo de desenvolvimento econômico, direitos humanos e danos ambientais*. A ideia é refletir sobre a violência gerada pelo não cumprimento do direito humano ao saneamento e ao meio ambiente, em situações de desastre. Entre os debatedores, estarão pesquisadores da Fiocruz e representantes de organizações sociais, como a SempreViva Organização Feminista (SOF) e o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM).

Na parte da tarde, o tema será *Desastres ambientais, violências e impactos na saúde*. Pretende-se debater os efeitos dos desastres ambientais no cotidiano das populações afetadas, com ênfase no surgimento e aumento de diferentes formas de violência no dia-a-dia das relações sociais e na saúde dos trabalhadores e moradores de regiões afetadas. Participam dessa mesa representantes do Conselho Regional de Psicologia, do Fórum Sindical e Popular de Saúde e Segurança do Trabalhador e Trabalhadora de Minas Gerais, do MAM e do Projeto a Arte Abraça Brumadinho.

Além dos debates, estão previstas intervenções artísticas e uma Feira Sustentável, com produtos provenientes de economia familiar, desenvolvida em áreas que vivem em conflito com a mineração.